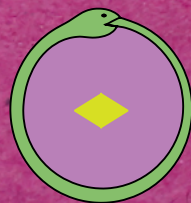
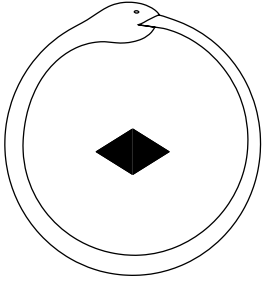


ROUPA VIVA
Flavia Aranha



cadernos
SELVAGEM



ROUPA VIVA
Flavia Aranha

Esta é a transcrição da fala de Flavia Aranha durante o encontro *[Plantas que alimentam e regeneram cidades](#)*, no âmbito do ciclo *[Regenerantes de Gaia](#)*, em junho de 2022.

Gosto de pensar que a roupa viva é uma extensão da nossa pele. Ela é a nova vida do que já foi uma planta, um inseto, um animal, um fungo. Como bem descreve nosso amigo, Emanuele Coccia, a vida se transforma pela metamorfose.

O algodão, que já foi semente, flor e capucho, se transforma em fio, depois tecido, e com as mãos de uma costureira, vira também um vestido, uma camisa, um casaco, um manto. E depois de ganhar essa nova forma, antes de habitar ou vestir um corpo, ele ganha cor. O tingimento é um encontro poético e amoroso da fibra com a cor da planta. Essa planta pode ser o urucum, o crajiru, a casca da cebola. Pode ser um pau de angico, de jurema ou barbatimão. Pode ser o fruto do jenipapo ou a folha da anileira. Pode também nem ser planta, mas um cogumelo ou uma cochonilha. Há uma imensidão de plantas e seres que dão cor. Na natureza não existe só uma fonte de amarelo, azul e vermelho, que a partir da tricromia fazem todas as cores. As cores da natureza também não são pantones. Existem centenas de plantas e seres, que conectados a saberes e rituais, podem dar todas as cores, uma diversidade abundante e sutil de tons pode vir das algas, dos galhos, das folhas, das cascas, das raízes. Normalmente elas também tem habilidades de cura. Cor e cura. Essas plantas e seres se transformam em chá, depois extrato, e logo tinta. E em um balé harmônico, criado com a ajuda de uma colher de pau fazendo movimentos circulares na panela de água quente – ou até mesmo com a ajuda de uma maquina de tingir –, fibra e cor dançam, e se conectam em uma atração movida pelo tempo e pela temperatura. Agora juntas formam essa nova vida. Roupa viva.

A roupa viva faz um diálogo com quem a veste. Há uma comunicação não verbal que acontece pelo cheiro, pela textura, pelo toque. Assim como a nossa pele, a roupa viva reage a estímulos. Se está sol, ela queima. Se cair limão, ela muda de cor. Se é antiga, desbota. Na cultura ancestral japonesa, uma tina de índigo, que é feita de folhas fermentadas da planta, inicia sua vida no mais profundo e escuro azul. Conforme o tempo passa, essa tina vai clareando, e no seu último dia de vida, quando mergulhamos um tecido dentro dela, ele volta sem cor. Então essa tina morreu. O tintureiro agradece essa vida e essa cor que o acompanhou por provavelmente um ou dois anos e devolve a matéria orgânica para a terra.

Gosto de pensar na ideia de que essa roupa pode curar. Com meu querido professor Aboubakar Fofana e com o povo do Mali, aprendi que os xamãs das aldeias de lá, além de chás, banhos e rezas, receitam também o uso de roupas. Há uma receita certa para se fazer a roupa de cura. A forma como é tecida, a padronagem e a cor variam de acordo com os relatos de enfermidade do paciente. Há horário e dia certo para esse uso. Fico pensando o quão concreta é essa ideia. Afinal, junto com as moléculas de cor, existem inúmeras substâncias que se acoplam a esse novo corpo e dialogam com nossas células – e quem sabe também com nosso cérebro e coração.

A roupa viva é criada a partir dos desejos de mudança. Se por exemplo queremos falar e atuar na recuperação das florestas de araucária da Mata Atlântica, tingiremos com erva mate. A erva mate é plantada entre as araucárias e são seus produtores que cuidam e acompanham o crescimento dessas árvores. Eles também ajudam a criar roupa viva. Foi deles a ideia de testar as cascas da árvore que caem durante o crescimento, para fazer estampas de impressão botânica em nossos vestidos lá no ateliê.

A roupa viva carrega a memória de todas as mulheres e homens que estão envolvidas na sua criação e produção. As famílias que plantam, que rezam, que colhem. Uma potente rede de humanos está associada a essa cadeia de produção, espalhadas por todos os biomas do Brasil. São em maioria famílias que produzem por meio da agricultura familiar em assentamentos conquistados pelas lutas populares. São também famílias ribeirinhas, quilombolas e indígenas.

Essas famílias, além de roupa, plantam comida. Plantam roupa junto com comida. Elas não usam veneno. Usam sabedoria. Vivem olhando pra terra e para o céu. E dialogam com todos os seres que convivem com suas rotinas na roça. Essas famílias também guardam as sementes crioulas. Uma das coisas mais bonitas que eu já vi e presenciei, foi um encontro de troca de sementes. Famílias de diferentes regiões se encontram para trocar e compartilhar a responsabilidade de garantir o alimento para as gerações futuras, livre de veneno. Penso que isso é um ato muito selvagem.

Quando uma roupa viva envelhece, e então chega ao final da sua vida, ela pode ser devolvida para a terra e vira adubo para uma nova planta, que pode gerar uma nova roupa, em circularidade, dialogando com uma ideia muito simples: a gente vem da terra, e volta para a terra.

Pensando no [último encontro Selvagem](#) que teve a presença do Eduardo Góes Neves falando da terra preta, e também da compostagem como uma ferramenta importante para agroecologia e a agrofloresta, fico imaginando que essa roupa viva pode contribuir também para esse processo.

A roupa viva tece uma grande teia: plantas, animais, fungos, agricultores, costureiras, bordadeiras, tintureiras, tecelãs seguem conectadas e animam cada roupa viva que surge desses entrelaçamentos. Uma teia que entende que produzir é regenerar.

Regenerar o solo, regenerar as relações, regenerar as mentes. Há uma grande oportunidade baseada no manejo da abundância, como disse bem o Eduardo. Inspirada também por [Regenerantes de Gaia](#) do Fabio [Scarano], Fico pensando nas bromélias. Quando eu conheci a Anna [Dantes] pela primeira vez, comprei uma caixa de livros chamada *Gabinete de curiosidades* e o primeiro livro que abri, pequenino, foi do Manuel Arruda da Câmara. *Dissertação sobre as plantas do Brasil que podem dar linhos*. Em 1795 ele se questiona: por que o Brasil, com vasta biodiversidade e plantas nativas com potencial têxtil, insiste em importar linho da Europa? De fato, existem uma infinidade de possibilidades vestíveis por aqui. No entanto, usamos plástico. E quando não usamos plástico, usamos monocultura.

O algodão produzido em escala no Brasil, não é o algodão que utilizamos para fazer roupa viva. Ele é produzido na entressafra da soja, e ao

invés de chuva, ele é regado por uma enorme quantidade de agrotóxicos que caem em seus capuchos por meio de drones robotizados. Não existe vida ali. Tampouco existe morte, porque entendo que a morte faz parte da vida. Ali só existe escassez e doença. E ainda insistem em dizer que é algodão sustentável. Esvaziando a palavra, transformando a ideia em mais um produto.

Voltando às bromélias. Imaginem só que linda seria uma roupa feita de bromélia? Manuel Arruda descreve em seu livro algumas espécies de bromélias que podem dar linho na Caatinga, na Mata Atlântica. Como recuperar esses biomas ampliando seus cultivos consorciados com outras espécies?

Foi pensando nessas ideias que a gente lá no ateliê criou um braço de pesquisa que transborda a produção de roupas e se propõe a achar soluções e iniciativas para a indústria têxtil. Partimos desse encontro do conhecimento ancestral, com a ciência contemporânea. Um dos novos projetos é um tecido feito de malva. Malva¹ é uma espécie nativa da Amazônia que é produzida por famílias ribeirinhas na região de Castanhal, PA. Ela gosta de nascer em beira de rio. É forte, longa e muito difícil de ser reproduzida em monocultura. O desafio é transformar ela em um fio maleável e fino. E estamos conseguindo. Estamos invadindo a indústria. Eu tenho medo, mas vou mesmo assim.

Também estamos testando o tingimento natural em uma escala maior. Usando máquinas industriais junto com nossas tintas e processos, temos conseguido obter resultados interessantes. A indústria fica perplexa ao entender que pode fazer cor com planta e que esse processo não precisa de luvas ou máscaras nem petróleo. Tampouco precisa de tratamento de água. Os tintureiros ficam com vontade de comer a tinta e em poucos encontros ficam apaixonados. Criei alguns bons amigos durante essas experiências. E as trocas de conhecimento são potentes. Entender o que não se quer fazer, para fazer o que se quer, é algo precioso.

Mas não nos enganemos. Quem está ali no processo, não é quem toma a decisão. Não são os donos do poder. E eu fico preocupada em como esse conhecimento será utilizado daqui para frente. Até onde ele pode chegar. Porque não basta ter o conhecimento, é preciso ter

1. *Corchorus capsularis*

a intenção. E eu me preocupo com a intenção de quem tem dinheiro e poder. Para isso ainda não tenho respostas.

Algumas pessoas me perguntam: “Flavia por que você não faz uma patente? Imagina se o *fast fashion* tem acesso a esse conhecimento?” Eu digo: “Não faço patente porque esse conhecimento não é meu, é do mundo”. E penso: que copiem, porque se copiarem, teremos mais florestas e menos plástico!

Mas se não repensarmos o consumo, a velocidade do consumo, de nada adiantará o mercado começar a produzir roupa viva. Porque não há vida que consiga ser produzida com tanta velocidade, nessa quantidade. O planeta tem mais roupas do que seres humanos. Vocês já viram aquela imagem do deserto do Atacama? Quanto plástico a gente coloca no mundo? O plástico não vira adubo. Dizem que em 2050 teremos mais plástico do que peixes no oceano.

Penso no pau-brasil. Ibirapitanga. Não consigo descrever, apenas sentir, a beleza do seu tronco, das suas folhas, da sua semente. A beleza de acompanhar a sua tinta soltando da madeira, percorrendo a água e transformando tudo em laranja, depois rosa e por fim vermelho. Fico pensando na tensão entre potência e violência contidas na sua cor. Fico pensando em séculos de colônia e de tudo que está fixado na sua memória. Seu corante chegou a valer mais que ouro. Sua exploração foi responsável pela morte de milhares de indígenas, e por grande parte do desmatamento da nossa Mata Atlântica. Ao mesmo tempo, pouco se tem relatos sobre seu uso nas tradições da manufatura do algodão pelos povos que aqui viviam na época. Fico pensando que é porque esses povos sabiam que podiam ter vermelho com a folha do cajuru, com as raízes da ruivinha e com o próprio urucum. Não precisavam matar uma árvore que demora tanto para atingir sua maturidade com tantas questões sutis para sua reprodução. Podiam eventualmente transformar sua madeira quando elas morressem, ou caíssem por qualquer motivo. O cajuru é folha, a ruivinha é a raiz de uma rasteira e o urucum semente. Existe uma potência abundante nas possibilidades da nossa biodiversidade. Mas o pensamento mono atravessou o Atlântico sem titubear. Toda vez que eu coloco pau-brasil no meu caldeirão, entro em contato com minha própria identidade, que vive nessa tensão de ser carne que é filha dessa

violência e também dessa potência. E conforme mexo a tinta da minha panela, procuro transformar esse vermelho em amor. De novo vivo regenerantes de Gaia. Fico pensando na clúsias que se transformaram: de estranguladoras a regenerantes. E me coloco nesse papel, de ser planta também. Germinar semente por onde eu caminho.

Uma dessas sementes é CORA. CORA nasceu depois que conheci a Anna e o Selvagem. CORA é um projeto que pretende estudar e viver as cores do Brasil. Começaremos por onde estamos: Mata Atlântica. Nossa primeira expedição está por vir. Entraremos na floresta com o Jorge Ferreira, outro bruxo regenerante que é filho da floresta e estuda os cogumelos, ali na região de Paraty. Vamos procurar juntos novas espécies que produzem cor e que contribuem para a regeneração do bioma.

CORA é um laboratório vivo que conecta cores e seres. É pesquisa científica. É saber ancestral. É intuição e encantamento. CORA é um jardim agroflorestal cultivado por artesãs que recuperam autonomia dos materiais e seus meios de produção. CORA é filme, livro e arte. Faço aqui um chamado para quem quiser se juntar a esse sonho. Esse sonho selvagemmente vivo.

Nasceu em Campinas, interior de São Paulo, e cresceu em um ambiente conectado à natureza e à arte. Seu olhar sempre se ateu às dualidades cotidianas; a delicadeza e potência em tudo o que existe conduzem seu processo criativo e caminho empreendedor. Após sua experiência na indústria convencional da moda, em 2009, abriu seu primeiro ateliê-loja na Vila Madalena, São Paulo, tendo o tingimento natural como cerne da marca homônima. A designer reúne conhecimentos tradicionais a novas tecnologias para o desenvolvimento de produtos que possam gerar impactos mais positivos na sociedade e no meio ambiente por meio da moda.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br